HISTÓRIA DA ARTE:
Da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 1

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

As circunstâncias da
Contemporaneidade na Arte Visual.

UFMS
Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

“A Arte é a única forma de atividade por meio da qual o ser humano se manifesta como verdadeiro indivíduo”.

Marcel Duchamp

Chamo a atenção para a frase de Duchamp, usada na abertura desta disciplina, é uma declaração de liberdade e autonomia da criação artística seja em relação ao criador ou ao contexto no qual as obras são produzidas e no qual passam a viver.

A constatação de que é uma atividade pessoal, também implica em dizer que é intransferível. Cada obra resulta da capacidade inventiva de alguém e se torna original e exclusiva.

Tendências, estilos, escolas, movimentos são modos de classificar e ordenar a criação com o fim de estuda-la, pesquisa-la e entende-la, mas não de delimitar estruturas ou cânones rígidos e preestabelecidos nos quais a Arte ou os Artistas devem se encaixar para serem vistos ou reconhecidos é apenas uma estratégia de conhecimento.

Portanto é necessário entender que a Arte é Autônoma e, por isto, Livre.

Como é possível perceber a Ementa desta disciplina é tão abrangente quanto aberta, portanto possibilita a realização de diferentes aportes. Contudo algumas questões estão explícitas: uma delas é a vertente Ocidental (leia-se a Arte Europeia) em relação com o Oriente (leia-se, praticamente tudo que não é Europa e Américas). Logo, dar conta de tudo é sempre uma missão impossível...

O recorte temporal não é grande, mas toma os trinta anos restantes do século XX e acrescenta mais vinte do século XXI, somando, até agora, cinquenta anos de Arte Visual contemporânea. Se isso não bastasse, estes cinquenta anos foram complexos, pródigos em manifestações e proposições, então a carga horária limitada de uma disciplina como esta não é suficiente para dar conta de todos os aspectos nela apontados.

Os vários aspectos: técnicos, estéticos, sociais, econômicos, étnicos e culturais são, cada um deles, um universo de estudo próprio e específico capaz de tomar não apenas uma disciplina de duas horas semanais, mas anos de estudos e dedicação.

Contudo é possível entender que as ementas são “roteiros” para abrir caminhos no conhecimento, neste caso, na Arte Visual da atualidade.

Esse “roteiro” possibilita a escolha de caminhos, ou melhor, um percurso que auxilie o entendimento da Arte Visual na atualidade, em geral, chamada de Arte Contemporânea.

Assim foi possível definir um Programa de Ensino para a disciplina que destacasse alguns aspectos indicados na ementa e, ao mesmo tempo, estimulasse a inclusão de outros.

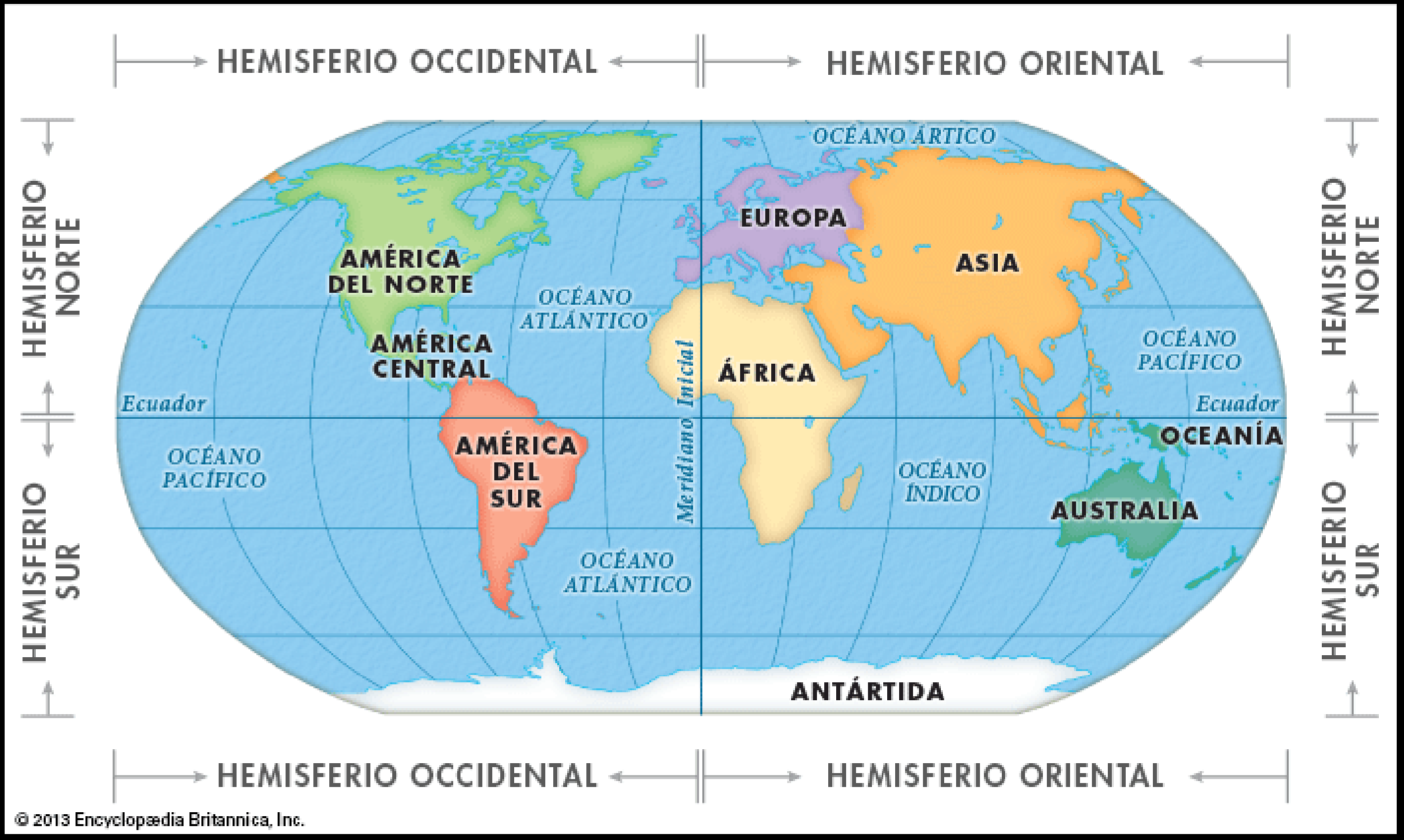
Para começar, vamos aos Mapas geográficos para visualizar o que é Ocidental e Oriental, para entender um pouco mais a predominância colonial e cultural com as quais a Arte atual é confrontada.

A divisão geográfica não explica muito a diferença entre o Oeste e Leste, sol poente ou nascente, mas indica uma postura de observação das culturas que se originaram num ou noutro espaço e a influência que exercem uma(s) sobre a(s) outra(s) no mundo atual.

Nesse sentido o conceito de Ocidente é uma construção cultural que tem origem na civilização Greco-Romana e sua expansão com o Cristianismo, o Renascimento e o Iluminismo, culminando com o Colonialismo exercido por esse núcleo de poder em expansão.

Em contraponto com a cultura Ocidental está a cultura Oriental, ao leste da Europa e que se refere, principalmente, à Ásia, ao Oriente médio ou extremo e várias outras culturas que, originariamente, não estavam vinculadas ou dominadas pelo Ocidente, portanto sua influência na cultura Ocidental é menos perceptível e quase inexistente na medida em que muito do que se obteve do Oriente foi apropriado, adaptado e transformado pelo Ocidente e se tornou também “Ocidental”.

Divisão tradicional dos continentes considerando a visão eurocêntrica. Observe que a linha divisória é movida de acordo com interesses de dominação e não geográficos.



© 2013 Encyclopædia Britannica, Inc.

Divisão geográfica. Observe que nesta distribuição a própria Europa estaria, em grande parte, localizada no Oriente e não no Ocidente, daí a constatação do que era Ocidente e Oriente foi, muito tempo, arbitrária.

Logo, chamar de Oriente e Ocidente às tendências culturais que se mostram no contexto da História da Arte é um recurso descritivo e não conceitual, já que o percurso observado se refere às transformações manifestas pela Arte que se pesquisou, coletou, armazenou juntos aos museus e institutos onde se encontra a vertente dominante, ou seja, a Ocidental.

Basta observar as coleções dos principais museus do mundo que é possível perceber a presença maciça da “Arte Ocidental”.

Hoje em dia, dada as questões da “Globalização” este fenômeno é também marcante.

Dificilmente as tendências que surgiram ou surgem no “Mundo Oriental” influenciam sobremaneira, a Arte Ocidental...

As circunstâncias da Contemporaneidade na Arte.

O marco inicial para o desenvolvimento da Arte Atual ou Arte Contemporânea é, sem dúvida, o advento do Modernismo que compreende o período aproximado de cem anos entre 1870 e 1970.

O Modernismo alterou, modificou, contrastou e se opôs ao “modelo” tradicional e hegemônico de tradição clássica e acadêmica.

Com isso estimulou o desenvolvimento de novas possibilidades expressivas e novas poéticas discursivas.

Na medida em que a ruptura com a tradição se instaurou, também surgiram oposições ao Moderno. Alguns movimentos e manifestações passaram a se contrapor aos processos adotados pela Arte Moderna possibilitando o surgimento de novas tendências, independente de terem ou não vínculo com a situação Moderna.

Assim termos como ***Pós-Moderno*** e ***Contemporaneidade*** passam a fazer parte do contexto da História da Arte atual, mas nem sempre adequados.

Feitas essas colocações, pode-se iniciar o desenvolvimento da disciplina com uma síntese considerando alguns aspectos conceituais percebidos no percurso histórico da Arte Visual do período em questão. Inicialmente as manifestações artísticas que ocorreram nos primeiros tempos da humanidade não estavam relacionados ao contexto ou conceito de Arte que se estabeleceu a partir da consolidação de um Sistema estético cultural, social e econômico.

Historicamente a compreensão da Arte como um ***Sistema***, implica na compreensão de uma área constituída por fazeres, interesses e condutas próprias e autônomas. Pensar em um *Sistema de Arte Visual* pressupõe pensar em diferentes estágios e/ou condicionantes que o caracterizam e distinguem como tal ao longo do tempo de regiões. Este sistema é, em geral, composto por produtores, difusores, comerciantes, apreciadores, estudiosos e demais instâncias dedicadas à esta área como instituições públicas ou privadas.

A existência da manifestação artística por si só não constitui um Sistema e nem subsiste sozinha, é necessário que exista uma “rede”, um complexo de relações entre instâncias produtoras, receptoras e difusoras, como meios de informação e mercantilização. Historicamente, pode-se dizer que o processo artístico partiu da simples intuição espontânea e chegou ao processo cultural institucionalizado no contexto atual. De lá até aqui foi uma longa jornada, cheia de percalços, transformações, idas e vindas.

Originariamente as manifestações chamadas artísticas eram espontâneas e constituídas a partir dos interesses próprios de quem as criava e elaborava.

O máximo que se deduziu daquelas obras é que foram feitas com fins mágicos, propiciatórios e simbólicos, mas também pode-se pensar que foram feitas pelo simples prazer de criar ou de dar sentido ou ressignificar sua existência, fosse homens ou mulheres, já que não se pode aferir o gênero de quem produzia as imagens naquele tempo.

De um modo ou de outro, o processo criativo e criador não nasceu de um conceito posto *a priori*, mas de proposições e projeções *a posteriori*. Imaginar e dar vida à imaginação talvez fosse o principal motivo das primeiras criações, mas aos poucos ampliou seus potenciais e alcançou diversas especialidades. Hoje em dia a Arte Visual parte de pressupostos teóricos e conceituais prévios para obter resultados possíveis ou inusitados. Não é uma simples imitação ou reprodução mas proposições com fins definidos.

Os motivos ou fins da criação das primeiras manifestações artísticas não são conhecidos, mas supostos, amparados em hipóteses, ao contrário, as manifestações artísticas atuais são amparadas em proposições, experimentações que revelam ou antecipam resultados prováveis dentro de um nicho cultural ou social e mesmo mercantil, bastante previsível.

O previsível é capacidade de respostas possíveis, ou seja, a crença de que uma dada obra consiga interagir, comunicar, dialogar com um dado segmento público. Público é diferente de Povo: da população de um local, de uma região ou de um país. As teorias da comunicação já deixaram claro que *público* é um conjunto de pessoas que tem determinadas características socioculturais ou são designadas segundo interesses comuns cujo fim é responder, reagir a estímulos midiáticos propostos, provocando reações como as de consumo..

Ao contrário, povo seria então o conjunto indefinido de pessoas, cujos comportamentos não podem ser previstos, mas quando seccionado ou segmentado sim, ou seja se torna público e não mais povo. Atualmente quando um artista cria pressupõe, imagina ou antecipa a existência de um público alvo ou um apreciador "modelo" que estaria apto ou acessível às suas proposições, por mais simples ou complexas que fossem está delimitando ou definindo o público para o qual suas obras se destinam ou são passíveis de compreensão.

Portanto, quando se pensa em Arte Visual não se pode pensar que todas as manifestações de todos os tempos e lugares digam ou signifiquem as mesmas coisas para todas as pessoas. Há variações de caráter individuais, culturais, sociais, espaciotemporais e educacionais que podem limitar ou ampliar o potencial de apreciação e entendimento, influenciar ou atingir o gosto, a compreensão, a aceitação ou negação daquilo que um artista, uma obra, um movimento, um estilo ou uma tendência cria.

Isto posto, é necessário entender que as manifestações artísticas são modos de dizer cuja compreensão não é universal, linear e acessível a todas as pessoas de todos os lugares e de todos os tempos, são variações decorrentes das diferentes épocas, locais e culturas nas quais surgem e com as quais dialogam. Não se pode negar a transcendência de certas obras, artistas ou tendências, mas não se pode esperar que todos indistintamente aceitem tudo o que se mostra no contexto da Arte.

Pode-se pensar em fluxos e contrafluxos artísticos, isto foi o que fez Henrich Wölfflin quando estabeleceu uma dicotomia plástica na compreensão da Arte Visual definida a partir do Renascimento e do Barroco. Compreendia que havia uma alternância de formas *racionais* e *emocionais*. A forma Clássica do Renascimento era ordenada pela razão onde a linha era sua manifestação mais perceptível e a Forma Barroca ordenada pela emoção onde as linhas diagonais, cores intensas em contraste com o claro-escuro eram característicos.

Neste contexto, pode haver uma espécie de oposição entre modos de configuração formal: há momentos em que a racionalidade predomina e outros em que a passionalidade predomina, tomando por base o pensamento “Wölffliniano” que, neste caso, o racional seria o Renascimento e o passional seria o Barroco, neste sentido haveria um contraponto, um conflito ou confronto, entre suas tendências formais: uma racional e outra passional. Se levarmos isto ao século XIX, pode-se dizer que o Moderno se opôs ao Clássico.

Talvez esta seja uma conclusão muito genérica, contudo é possível observar que há momentos em que, na Arte Visual, a imagem se aproxima do visível, do naturalismo, do reconhecível, do estável e em outros se afasta dele rompendo com a visualidade percebida do mundo, com o naturalismo, com a anatomia, com as cores e formas do reconhecível e se torna inusitada ou instável.

Pode-se dizer assim que existiria uma tendência espontânea e outra normativa.

A espontânea daria mais valor à imaginação, à fantasia e experimentação; a normativa daria mais valor ao reconhecível e incontestável. Neste sentido as manifestações mais livres e espontâneas estariam em confronto com aquelas mais rígidas e normativas o que justifica a oposição entre o Clássico e o Moderno.

Devo explicitar que não há aqui uma preferência por uma ou outra, apenas a preocupação em distingui-las no sentido de apreender os modos por meio dos quais a Arte Visual tem se manifestado ao longo do tempo.

Em consequência disto há momentos em que a figuração é naturalista e em outros não. Há momentos em que a imagem é racional e em outros não. Há momentos em que as duas coisas se juntam e se confundem.

Enfim, é de se acreditar que, nesta disciplina já seja possível pensar em proposições mais abertas e que se distanciam das linhas tradicionais.

A herança clássica decorrente do passado colonial de base eurocêntrica tem sido contestada continuamente pelas manifestações artísticas, especialmente, as vanguardas que surgiram no século XX. Assim o foco da disciplina recai sobre as tendências Modernas e Pós-Modernas que possibilitaram o desenvolvimento das manifestações atuais.

O que é Arte?
Pressupostos da Arte atual.

O que é Arte?

Esta foi uma das primeiras questões feitas na introdução da disciplina de História da Arte da pré-história ao século XIII. É de se supor que, depois destes dois anos de percurso pelas demais disciplinas, a possibilidade de responder a esta questão esteja mais próxima de sua compreensão.

Isto não quer dizer que todos os problemas e problematizações *da* e *sobre* a Arte foram resolvidos ou levantados, mas já há de convir que o repertório para enfrentar esta questão foi bastante ampliado, inclusive a capacidade de análise crítica.

A resposta dada naquele momento foi: ***Arte é a manifestação estética da humanidade.***

Esta resposta ainda é pertinente e adequada pois a Arte só existe, de fato, manifesta, realizada dentro dos meios e modalidades de expressão que surgiram ao longo do tempo e motivaram sua existência. Seu caráter é, acima de tudo estético, não funcional ou pragmático e, por fim, é realizada pelo ser humano de acordo com seu momento histórico, seu lugar e sua cultura. Portanto, a resposta ainda atende as finalidades didáticas, pedagógicas e conceituais para promover o entendimento sobre o fenômeno artístico como tal.

Para melhor situar a questão da ***Arte Visual*** no contexto da disciplina, vale recorrer às nomenclaturas que tem sido utilizadas para se referir às nomenclaturas que surgiram das manifestações artísticas ao longo do tempo para identificar suas ocorrências e compreensão. A mais comum e tradicional delas é *Belas Artes*.

O conceito original de Belo, na relação com a Arte, é concebido pela filosofia grega para se referir a valores como o Bem e o Bom no campo moral e o Belo seria contrapartida ou o equivalente estético atribuído à Arte.

Ainda na Grécia, o Belo não era um sinônimo de bonito ou beleza, mas sim um conceito Ideal. Um estado ideal em que as coisas existiriam em perfeição máxima: o Mundo das Ideias. Nesse mundo tudo era perfeito e, por consequência, inatingível, assim a humanidade estava sempre em busca dele. O valor supremo da humanidade seria o bem e na Arte o Belo. Logo o Belo era um ideal e não a aparência das coisas pois, entendiam que a natureza, por si só era uma cópia imperfeita dele e, a Arte, como cópia da natureza era duplamente imperfeita.

Pela impossibilidade conceitual e teórica da Arte ser perfeita, não seria, por consequência, Bela, portanto, sua meta devia ser sempre a tentativa de alcançar a perfeição, logo a beleza que a Arte revelava decorreria da busca da perfeição e não da perfeição em si mesma. Uma busca pelo Ideal supremo, mesmo que, no mundo material, isto não fosse possível. Portanto, quando se fala em Belo, deve-se considerar sua origem na tradição grega e fazer o devido ajuste para o Belo Ideal e não beleza formal e corriqueira das aparências das coisas cotidianas.

O mundo ocidental adotou a filosofia grega como referencial teórico para sua construção cultural. No período Moderno, o Renascimento recuperou os valores greco-romanos e os tornou um referencial para a cultura que se construía e organizava naquele momento. Os historiadores recorreram aos modelos chamados de Clássicos daquelas antigas civilizações e os reciclaram como um referencial histórico e de origem cultural. Assim, o modelo canônico Grego, retorna recorrentemente à cultura ocidental.

As Academias de Arte criadas no Renascimento Italiano recorrem aos cânones e modelos da Arte Clássica Grega e Romana, para definir um projeto cultural embasado naquelas culturas fundadoras, talvez esta tenha sido a primeira estratégia de apropriação cultural consciente da história. Com isto, voltam os valores da antiguidade clássica os trazem para o contexto da cultura e sociedade no Período Moderno.

As Academias fundadas em Florença e depois em Roma e outros domínios italianos, passam a adotar o modelo estético clássico que, mais tarde, se expande para outros territórios e países europeus. A partir do século XVII, a França adota este modelo e nomeia as escolas que seguem este projeto de *Belas Artes.* Assim surge o nome e também o conceito hegemônico de Belas Artes que passa a ser difundido no mundo ocidental.

Com a ruptura do projeto tradicional clássico e acadêmico provocado pelo advento do Modernismo em fins do século XIX até meados do século XX, as Escolas de Belas Artes já não atendem aos processos criativos e experimentais exigidos pela estética Modernista, portanto, surge um “vácuo” pedagógico naquele momento: Se as Belas Artes já não serviam mais como modelo ou padrão estético, o que poderia substituí-las?

Ai entra em cena o conceito de Artes Plásticas.

Plástico vem do grego *Plastikós* e se refere às características materiais da argila que é capaz e suscetível de reter as formas decorrentes da manipulação que lhe é imposta, de acordo com o interesse e vontade do modelador, portanto, esta é uma característica do material. Assim, quando se fala em Arte Plástica, a referencia é exatamente esta: a capacidade que os materiais e substâncias de expressão usados em Artes Plásticas tem de reter as informações, informações, formas e características impostas a eles, portanto, aceitar o que lhes é imposto.

Ao mesmo tempo a necessidade de desenvolvimento industrial emergente proporciona o surgimento de uma escola mais pragmática, objetiva e inovadora para dar conta das necessidades industriais naquele momento. Seguindo a tradição das Escolas do Grão Duque para Artes Plásticas que já existiam na Alemanha, Walter Gropius, um arquiteto, é convidado para idealizar uma escola, em Weimar, para preparar profissionais capazes de conceber novas formas e produtos.

Assim surgiu a Bauhaus, a Casa da Forma. Embora a escola fosse dedicada à formação de profissionais dedicados ao desenho industrial, Gropius idealizou um projeto pedagógico a partir de três pontos principais:

1) Respeito ao processos construtivos;
2) Exercícios práticos de projetos em oficinas específicas;
3) Seminários de formação fundamental e especializada.

Outro ganho pedagógico importante foi recorrer, não aos professores e instrutores das antigas escolas alemãs, mas convidar artistas emergentes nas novas práticas estéticas Modernas. Entre os convidados: Kandinsky, Klee, Albers, Iten, Moholy-Nagy que assumiram atividades em oficinas e seminários teóricos para preparar profissionais que fossem capazes de dialogar com o contexto cultural em transformação.

As mudanças necessárias para se reordenar o sistema produtivo e social, implicaram também na reordenação das concepções artísticas. Até então o conceito de Artes Plásticas conseguia dar conta das proposições estéticas vigentes. Mas, a partir da segunda metade do século XX, a crescente inserção das imagens tecnológicas como a fotografia, o cinema e depois o vídeo, exigia uma nova nomenclatura para a área pois não eram só materiais plásticos que estavam em jogo, mas imagens óticas, químicas, eletrônicas e depois digitais.

A imagem se torna um dos elementos mais importantes nos meios de difusão de informação, de comunicação e da cultura de massa. As imagens deixam de ser produzidas apenas pelas mãos humanas, mas também por aparelhos, manipulados ou não por humanos, assim o conceito de Artes Plásticas não dava mais conta de conter todas estas variações poéticas, então adota-se uma nova nomenclatura: *Artes Visuais* a este novo contexto artístico imagético.

Acredito que esteja claro o percurso das nomenclaturas comuns nesta área.

Atualmente enfrenta-se um problema semelhante, as manifestações artísticas não se realizam exclusivamente no contexto da visualidade, portanto, Artes Visuais, já não contemplam as Perfornances, Intervenções, Instalações e demais ocorrências neste campo de atuação, assim, o nome Artes Visuais continua sendo usado para se referir a tudo isto, mesmo com sua insuficiência de cobertura conceitual.

No programa em pauta, na primeira parte, indiquei também um subtítulo: *Pressupostos da Arte atual.*

Como se sabe, *pressuposto*, é algo que se concebe anteriormente ao processo, mas de acordo com o dicionário há duas interpretações possíveis:

1. aquilo que se supõe antecipadamente; pressuposição, conjectura, suposição.
2. aquilo que se busca alcançar; desígnio, objetivo, meta.

Neste caso uso a segunda interpretação já que o objetivo da disciplina é alcançar algo: o conhecimento.

Para isto é necessário fazer digressões, desvios, voltas ao passado, um ou outro recorte para melhor explicar o que se entende por Arte Contemporânea ou por Arte Atual. Contudo, o que interessa, de fato, é saber como abordar e processar as informações disponíveis para compreender as manifestações artísticas atuais.

O primeiro ponto que vale destacar é que a Arte pode ser entendida como um Fenômeno Cultural.

Fenômeno pode ser qualquer coisa, ocorrência ou fato observável, contudo, para a ciência deve ser algo capaz de ser identificado e traduzido por meio de métodos, processos e procedimentos passíveis de serem descritos, entendidos, formulados e aceitos no contexto científico. Por isto a Arte pode ser entendida como um Fenômeno.

As manifestações artísticas vem ocorrendo desde os primeiros momentos da humanidade até hoje. É um fenômeno, por assim dizer, constante. Independente do modo como é realizado, meio pelo qual é manifesto, função, finalidade ou interesse que atenda, vem ocorrendo ao longo da história. Por isto deve ser respeitado e entendido como algo essencial para o ser humano mesmo que, em alguns momentos, a Arte Visual não seja entendida ou aceita.

Como Fenômeno Cultural a Arte se vincula ao meio no qual surge e com o qual dialoga, portanto, desloca-la de seu tempo e espaço é destituí-la de parte de suas finalidades, valores e significação, no entanto, é possível identifica-la histórica e culturalmente com a intenção de entende-la e atribuir-lhe o devido valor e respeito. Com o passar do tempo os modos e as funções da Arte mudaram tantas vezes quantas mudaram também o ambiente e as percepções humanas.

O que chamamos Arte é algo mutável, ou seja, a Arte da pré-história é muito diferente da Arte atual. No entanto, não se pode dizer que sua essência, sua índole mudou. Embora ocorram modificações de forma, estilo, interesse e finalidades, sua presença permanece, independente de todas estas mudanças, portanto, a Arte é algo permanente no contexto humano, embora mutável.

A partir do Período Moderno, especialmente do Renascimento, foi o momento em que a condição do produtor de Arte deixou de ser algo restrito à artesania e se tornou algo pertinente também ao intelecto. O saber deixa de ser apenas uma habilidade motora ou psicomotora e se torna também cognitiva. Os artistas passaram a ser reconhecidos também como intelectuais.

O fazer pragmático e artesanal permanece como um ofício artesanal, principalmente aqueles voltados para a produção utilitária como objetos de uso cotidiano: mobiliário, ornamentos e decoração e o Artista intelectual é aquele capaz de interpretar e dar visibilidade às ideias, conceitos e mesmo aos valores impregnados na sociedade na qual viviam e à qual serviam.

A mudança da posição social do artista no contexto cultural do Renascimento, possibilitou o avanço do conhecimento sobre Arte. Exemplo disso é a fundação das Academias naquele período. Obviamente tais academias eram mantidas pelos donos do poder que dela também se beneficiaram. Fosse por ter à sua disposição pessoas capazes de traduzir seus interesses por meio das imagens ou para instaurar e manter grandes coleções de obras de Arte.

Historicamente a demonstração de poder sempre recorreu à visualidade para se mostrar: os palácios, templos e túmulos ricamente decorados, as cidades e monumentos grandiosos tem sido marcas e propaganda do poder da classe dominante. Mesmo hoje em dia a transformação das Obras de Arte em ativos comercializadas no mercado financeiro indicam isto.

A partir do momento em que o sistema de poder percebeu que a Arte lhes proporcionava Distinção passou a usá-la para destacar e reforçar e sua presença na sua vila, na sua cidade, no seu domínio, no seu país, na sociedade.

Neste sentido pode-se pensar em duas vertentes da produção artística: uma que está vinculada ao sistema de poder e depende dele para viver e outra que se distingue dele, se opondo, confrontando e dialogando com ele.

Pode-se dizer então que há artistas *Conformados* e *Dissidentes*. Os Conformados são os que seguem e/ou perseguem o sistema dominante e as diretrizes do mercado; os Dissidentes são os que instituem, por exemplo, as chamadas vanguardas e se distinguem do sistema, propõem quebras, inovações opostas ao estado de coisas dominantes e são, geralmente, rechaçados.

Tomando tais aspectos como referência é possível dizer que estes dois tipos de condutas artísticas se manifestam no contexto atual.

Há aquelas que estão alinhadas ao sistema econômico e são agraciadas por ele obtendo o reconhecimento por meio dos altos preços pagos às suas obras e há também aquelas que são desconhecidas, relegadas à ignorância e ao esquecimento por não se adequarem ao *modus operandi* do sistema.

Portanto os que se conformam com o meio podem se integrar a ele e compartilhar com o poder, mas os que o negam tendem a ser negados por ele.

Em geral são negados os que focam processos e proposições experimentais ou que se engajam e/ou defendem aspectos relativos à questões humanísticas e sociais como a indigência, a pobreza, exploração humana e ambiental, gênero, orientação sexual, entre outras distensões.

A inserção da crítica social no contexto da Arte se tornou mais presente na medida em que as pessoas passaram a ter consciência sobre as diferenças impostas a elas e à apropriação de seus valores e potenciais. Desde o século XVIII, o Iluminismo passou a questionar e recusar todas as formas de dogmatismo, especialmente as doutrinas políticas e religiosas tradicionais e, com isto, aumentou a percepção do dominado sob o dominador.

Tal consciência levou à busca da emancipação de países como a Independência dos Estados Unidos do domínio Inglês (1775-1783), à Revolução Francesa (1789-1799) rebelando-se contra a Monarquia Absolutista entre outras revoluções.

A ascensão da burguesia ao poder mudou o projeto político e social. Inicialmente pareceu que o poder estaria designado para o povo, no entanto, se transformou no poder do capitalismo sobre as nações, representado pelo neoliberalismo.

A tomada de consciência social vai proporcionar aos artistas maiores reflexões sobre os valores relevantes para o ser humano e passam a colocar isto em suas obras. O Romantismo e o Realismo passa a tomar temas menos acadêmicos como as mitologias, os heróis míticos e passam a focar questões nacionalistas, a natureza e as diferenças e hipocrisias sociais.

Para recordar estes assuntos, basta recorrer ao ARTEVISUALENSINO e acessar as disciplinas anteriores de História da Arte: *o século XIX* e *o século XX até 1960*.

A gênese do Modernismo é produzida no século XIX, e o Impressionismo é considerado a primeira mudança significativa em torno do modo como os artistas operam a poética pictórica, opondo-se à tradição clássica acadêmica vigente na sociedade da época.

Eugene Delacroix, A liberdade guiando o povo, 1830. Uma alegoria nacionalista à Revolução Francesa, típica do Romantismo.

A Revolução Belga, por Gustaf Wappersde Wappers, 1834. Outra alegoria “revolucionária” nacionalista Romântica, na mesma ótica de Delacroix.

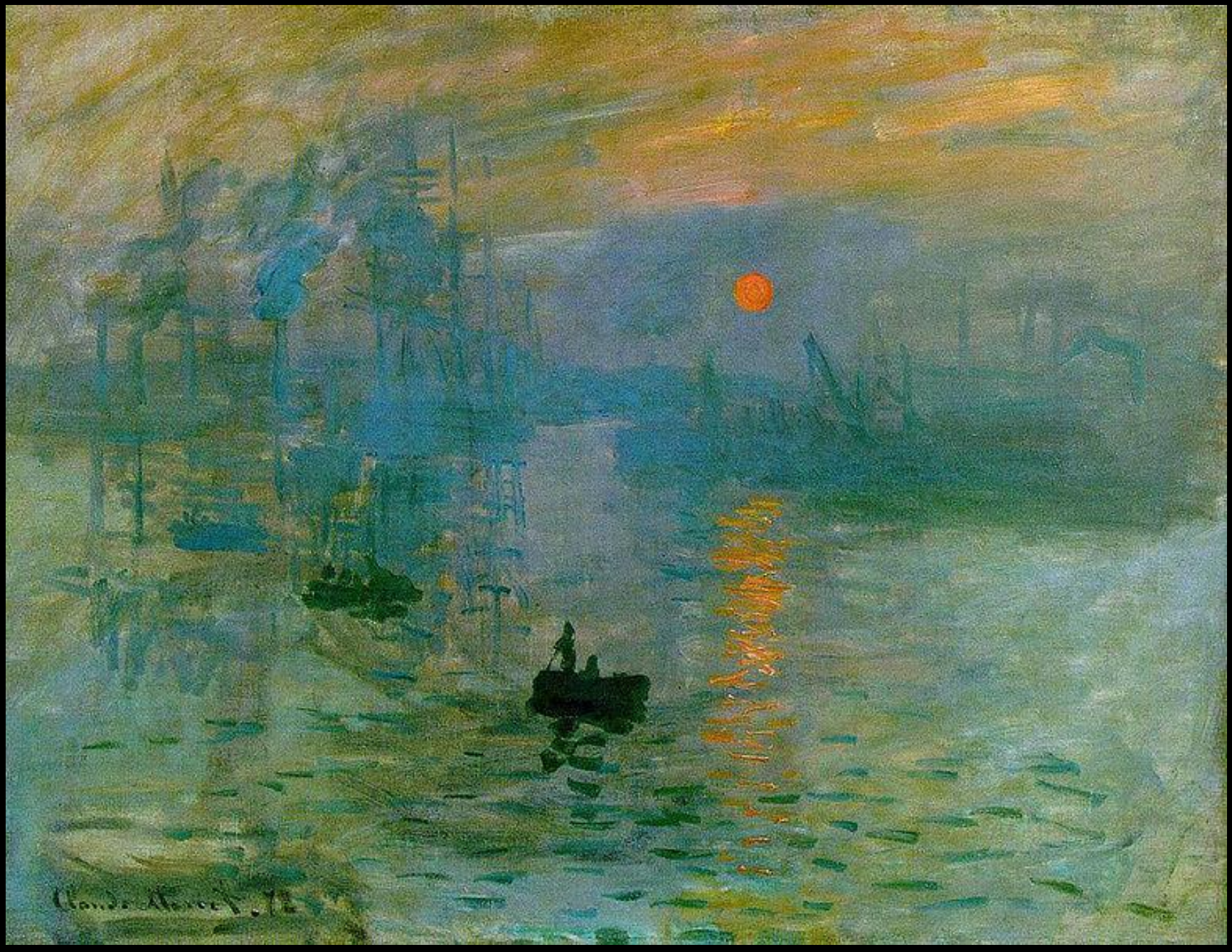
Gustave Courbet, Quebradores de pedra, 1849. Temas enfocando as diferenças sociais, exploração de mão de obra e a subserviência passam a ser comuns no Realismo rompendo com a tradição das mitologias e lendas.

Jean-François Millet, “As respingadoras” ou as Catadoras de Trigo, 1857. Revela uma tomada de consciência social, um aspecto da pobreza: pessoas que se dispõem a catar restos de uma colheita para sua sobrevivência.

Já o Impressionismo altera a visualidade das obras ao inserir uma questão de caráter conceitual: *o que se vê na tela não é uma imagem, mas sim o conjunto de cores e formas que informam a visão cuja percepção é interpretada como Imagem pelo cérebro*. Para tanto passam a produzir imagens "sem desenho", ou seja, sem estrutura prévia. Normalmente os temas são tomados do meio ambiente, ao ar livre a partir das variações luminosas e não produzidos dentro de um estúdio.

Para isto aplicam isoladamente cada uma das cores diretamente na tela sem limitar seus contornos por meio de linhas, tal operação faz com que o observador interprete as variações cromáticas e luminosas levando-o a identificar os temas por si só, ou seja, a imagem é tomada pela retina e decodificada pelo cérebro. Quanto mais próximo da tela menor é a distinção da imagem, quanto mais distante dela, maior é sua compreensão.

Portanto o foco do Impressionismo é a *Luminosidade*.



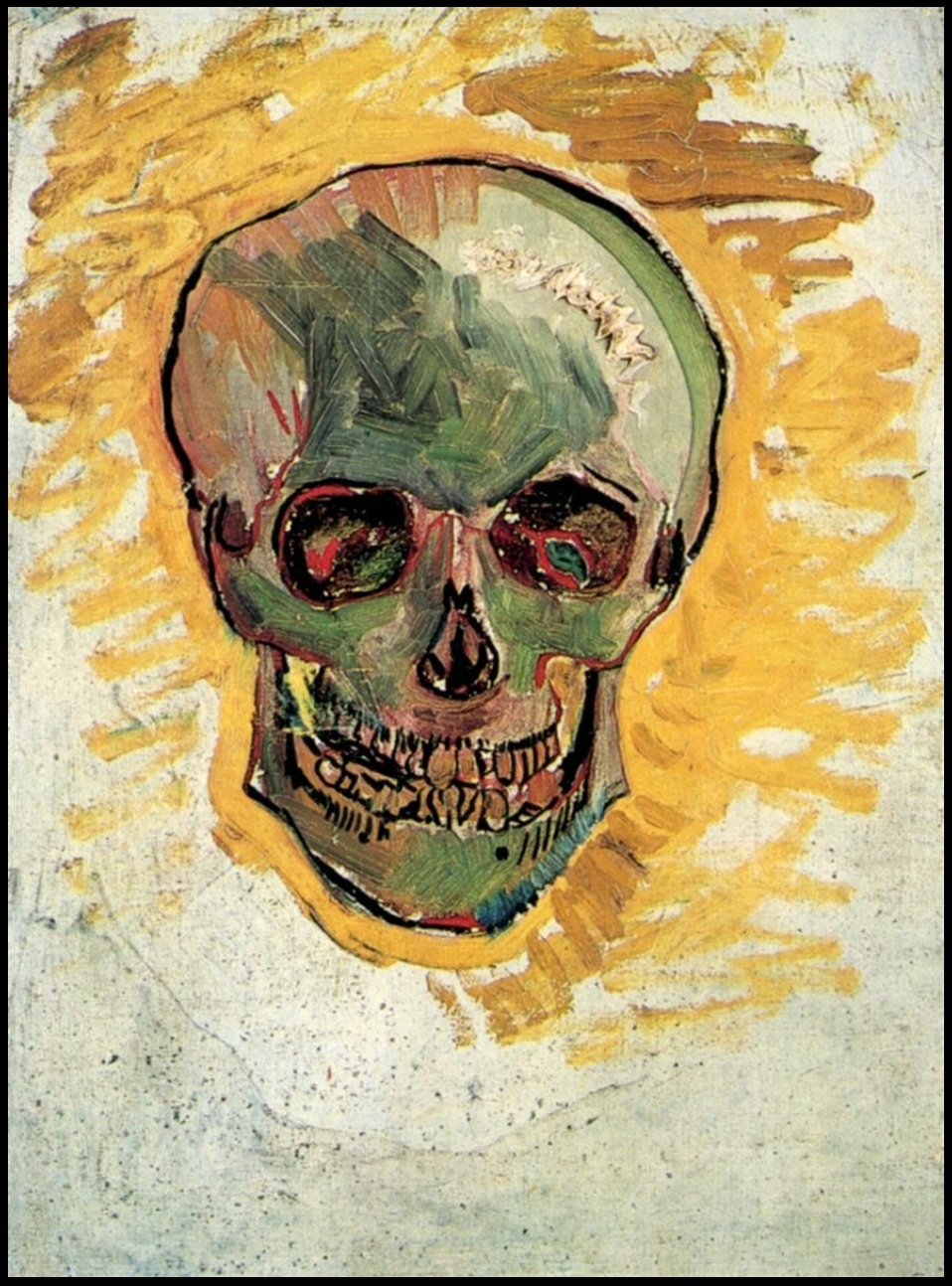
A obra fundadora do Impressionismo, Claude Monet. “Impression, soleil levant”, 1872. Criticada pejorativamente por Louis Leroy, crítico francês no jornal Le Charivari de Paris, justamente por mostrar “impressões” e não uma imagem precisa do tema.

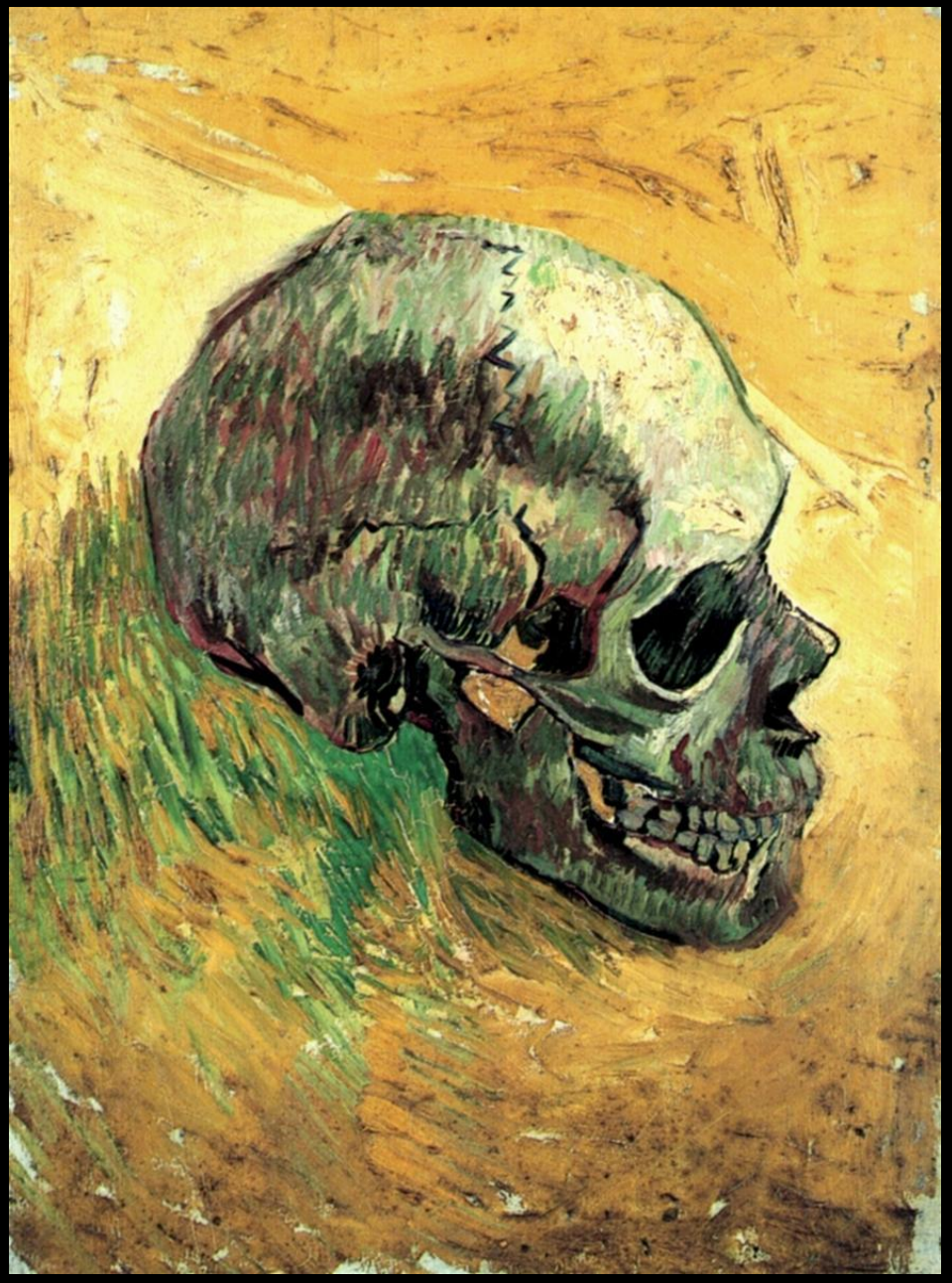
Na passagem do século XIX para o século XX, é o Expressionismo que rompe ainda mais como o projeto da tradição clássica e acadêmica.

Se no Impressionismo há uma tendência racional e técnica em que as questões da física na ótica e as teorias da cor são tomadas como base para as problematizações definidas pelos artistas em suas obras, o Expressionismo se opõe a isto e quer intensificar a expressão, a emoção.

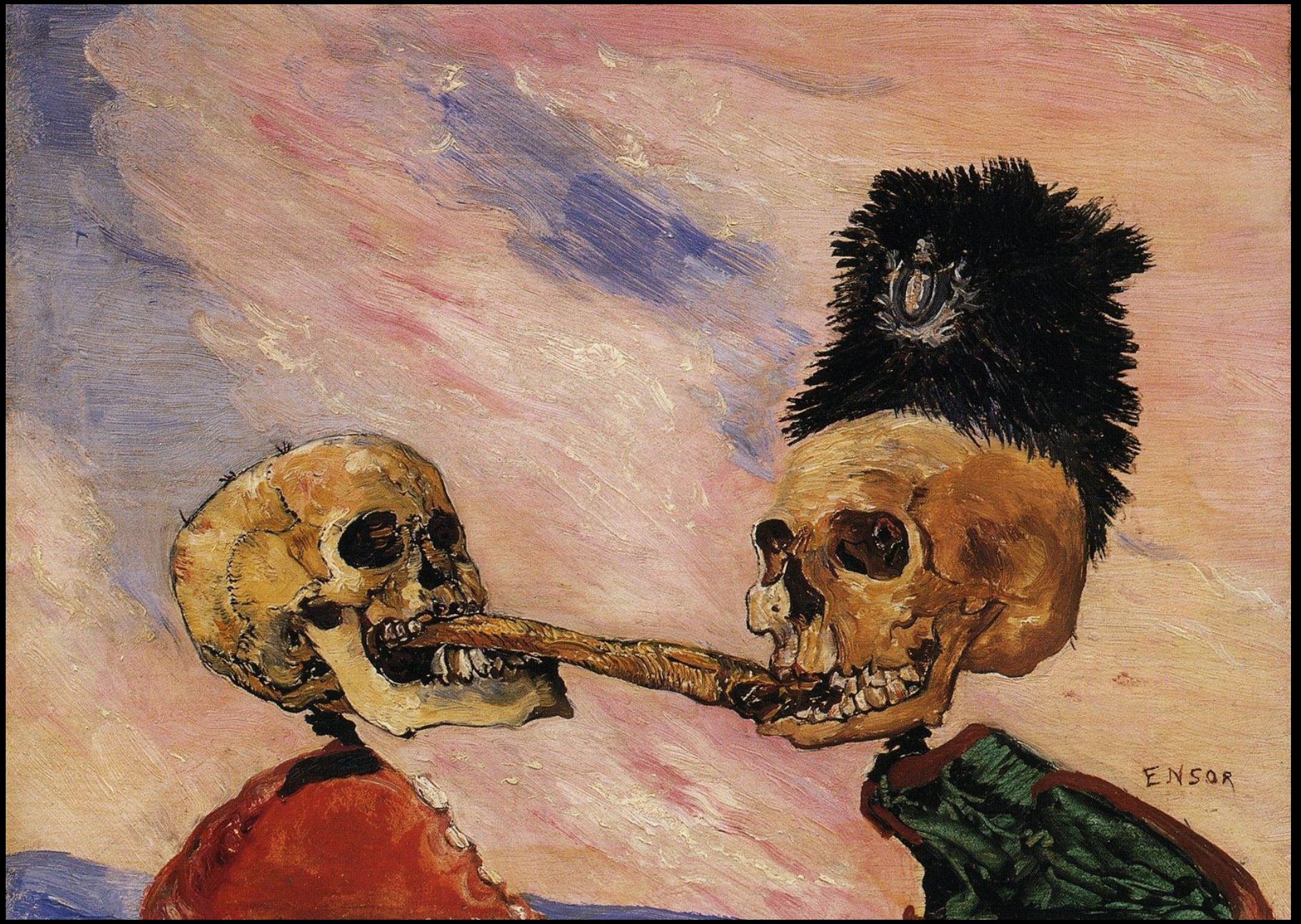
O modo de fazer isto é justamente negar qualquer relação com o natural, com a realidade visível. Para tanto, subverte as formas, as cores, a natureza e tudo aquilo que é, habitualmente, entendido como realidade.

A anatomia é modificada, deformada, a natureza tem suas cores arbitradas e alteradas, os temas são tensos e agressivos. A paixão impera sobre a razão. É isto que o Expressionismo, na Alemanha e o Fauvismo na França fizeram e, mais tarde, o mundo ocidental.

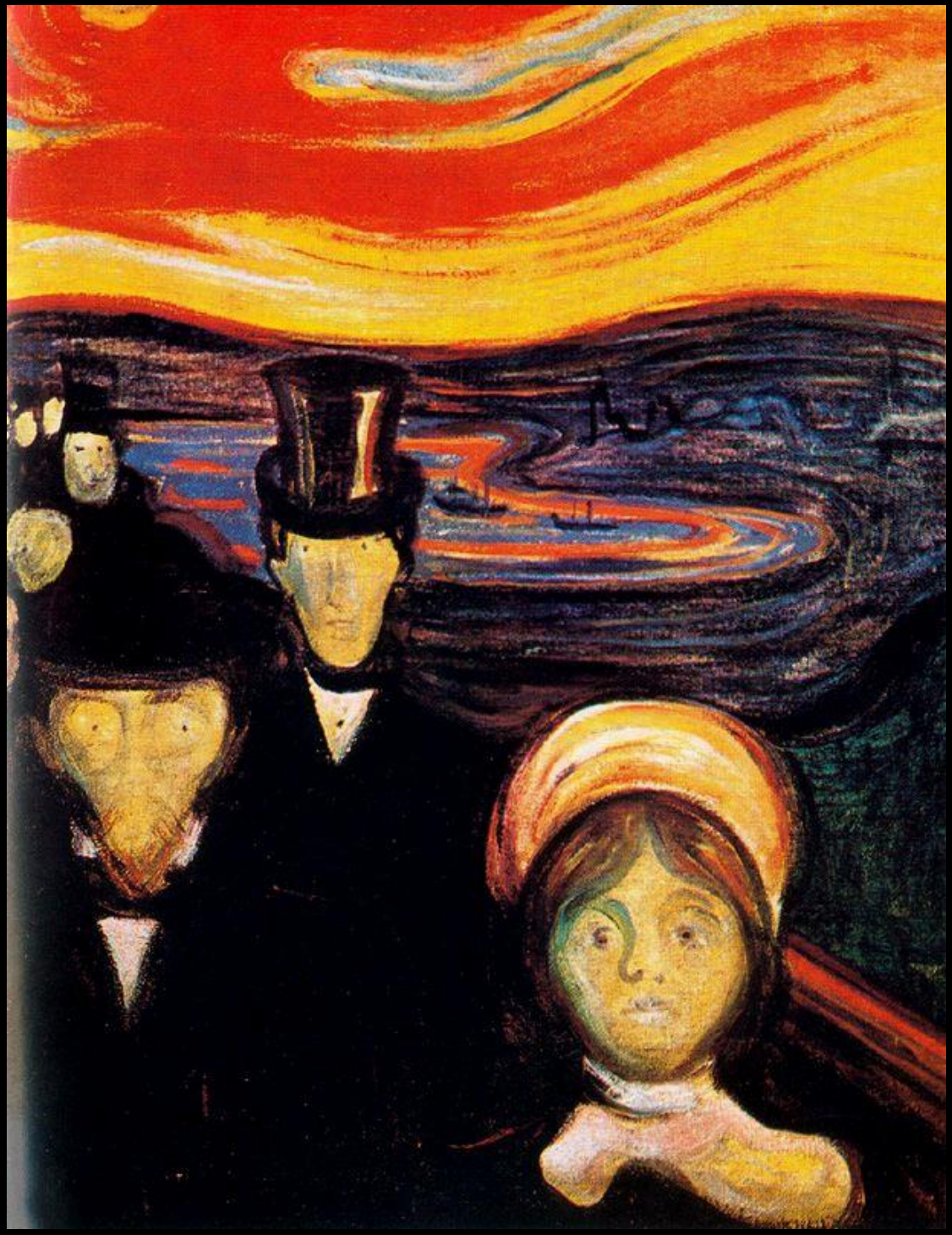




Vincent Van Gogh, Caveiras, 1887. Van Gogh é um prenúncio do Expressionismo pelo modo como trata suas pinturas expressando emoção na gestualidade, nas pinceladas e intensificando as cores.



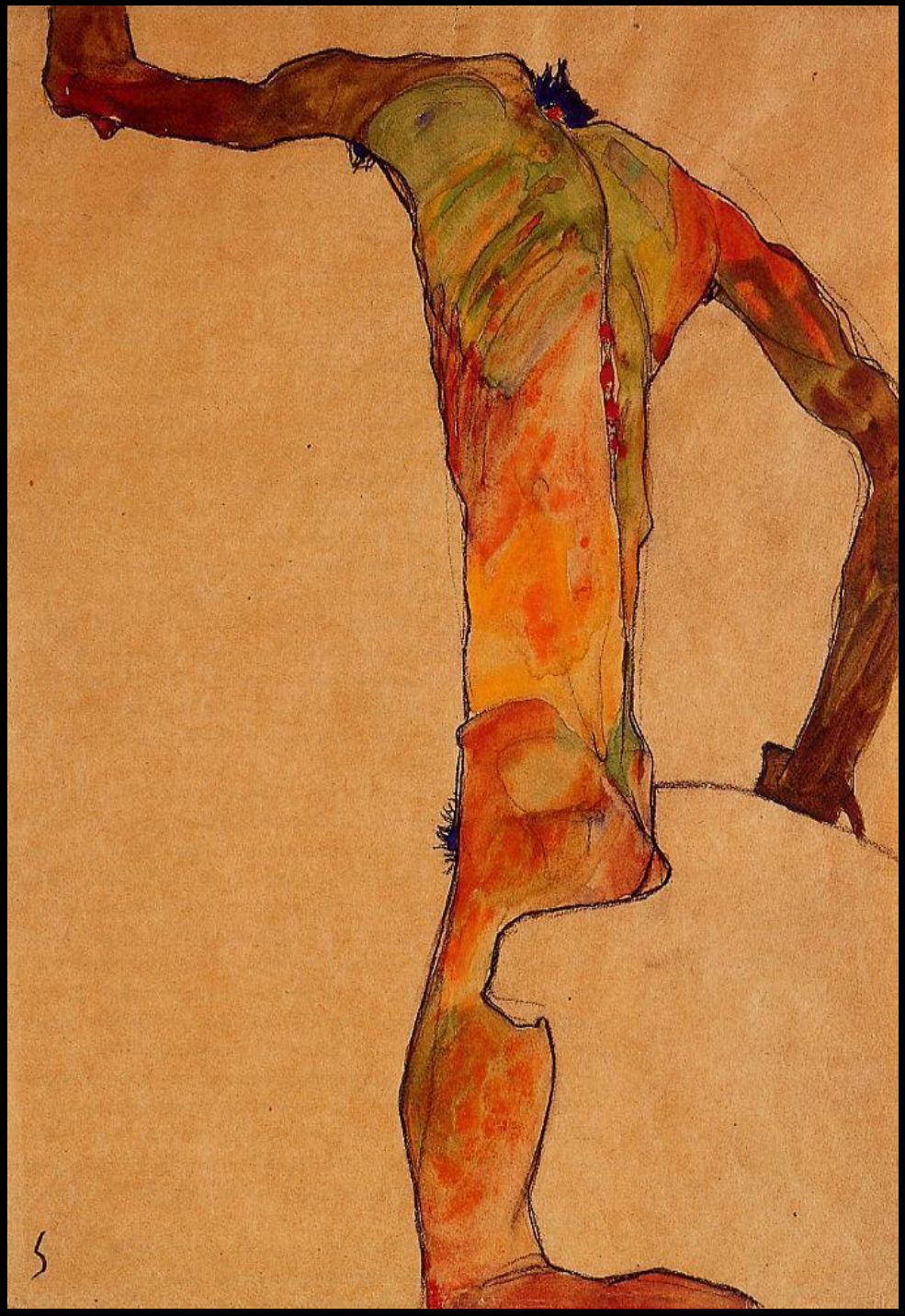
James Ensor, Esqueletos brigando por um arenque em conserva, 1891. Ensor recorre a temas pouco usuais e inusitados nos quais o contexto passional e simbólico impera e não a reprodução do visível.



Edvard Munch, Ansiedade, 1894. Suas paisagens e figuras não contemplam a realidade mas sim sua criatividade.

Ernest Ludwig Kirchner, Banhistas, 1910. Como outros artistas Expressionistas Kirchner despreza a anatomia e a natureza na interpretação de suas obras.

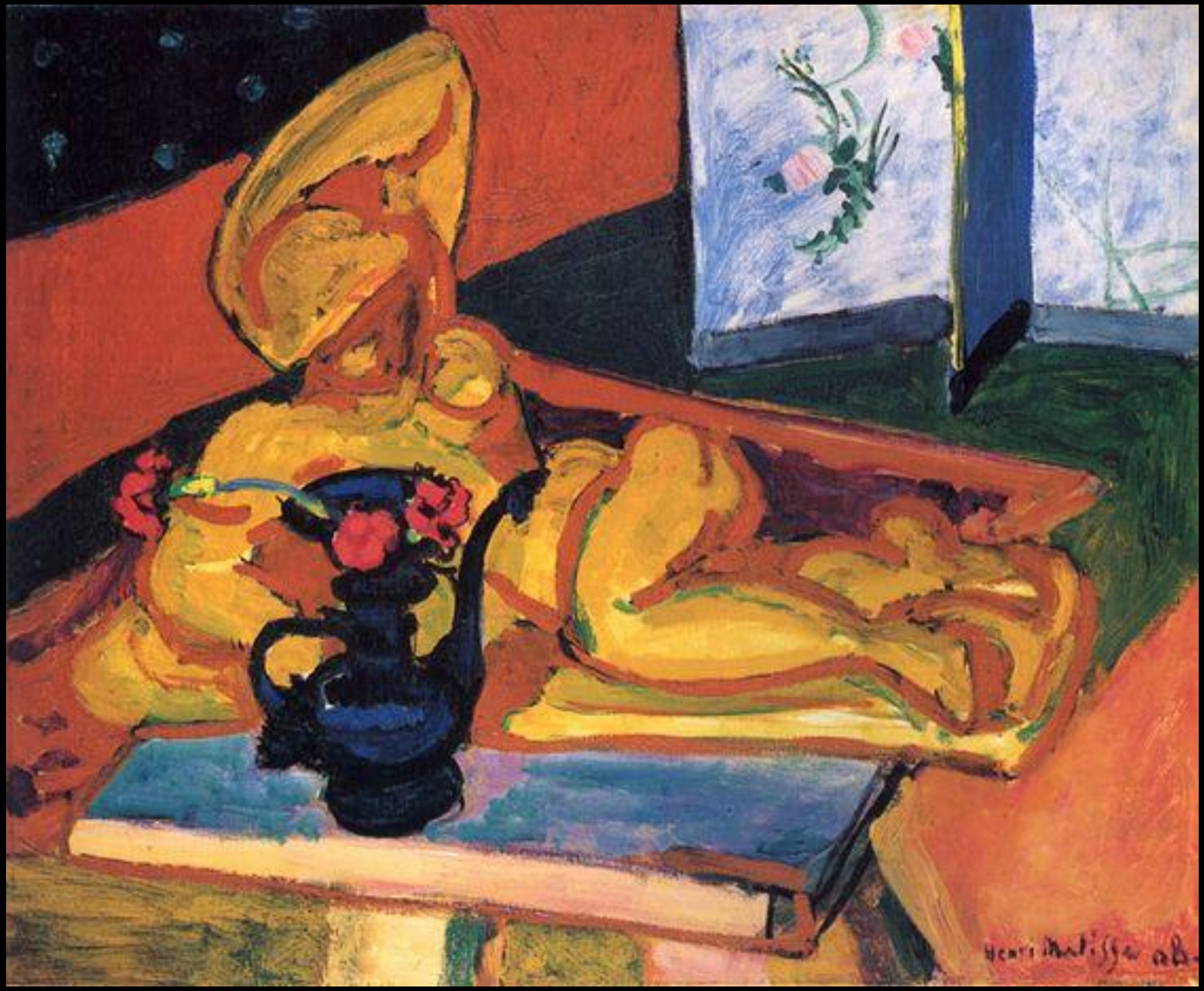
Kandinsky, 1913. Inicia sua trajetória artística dentro do expressionismo alemão. Mais tarde irá adotar a Abstração como proposição poética.



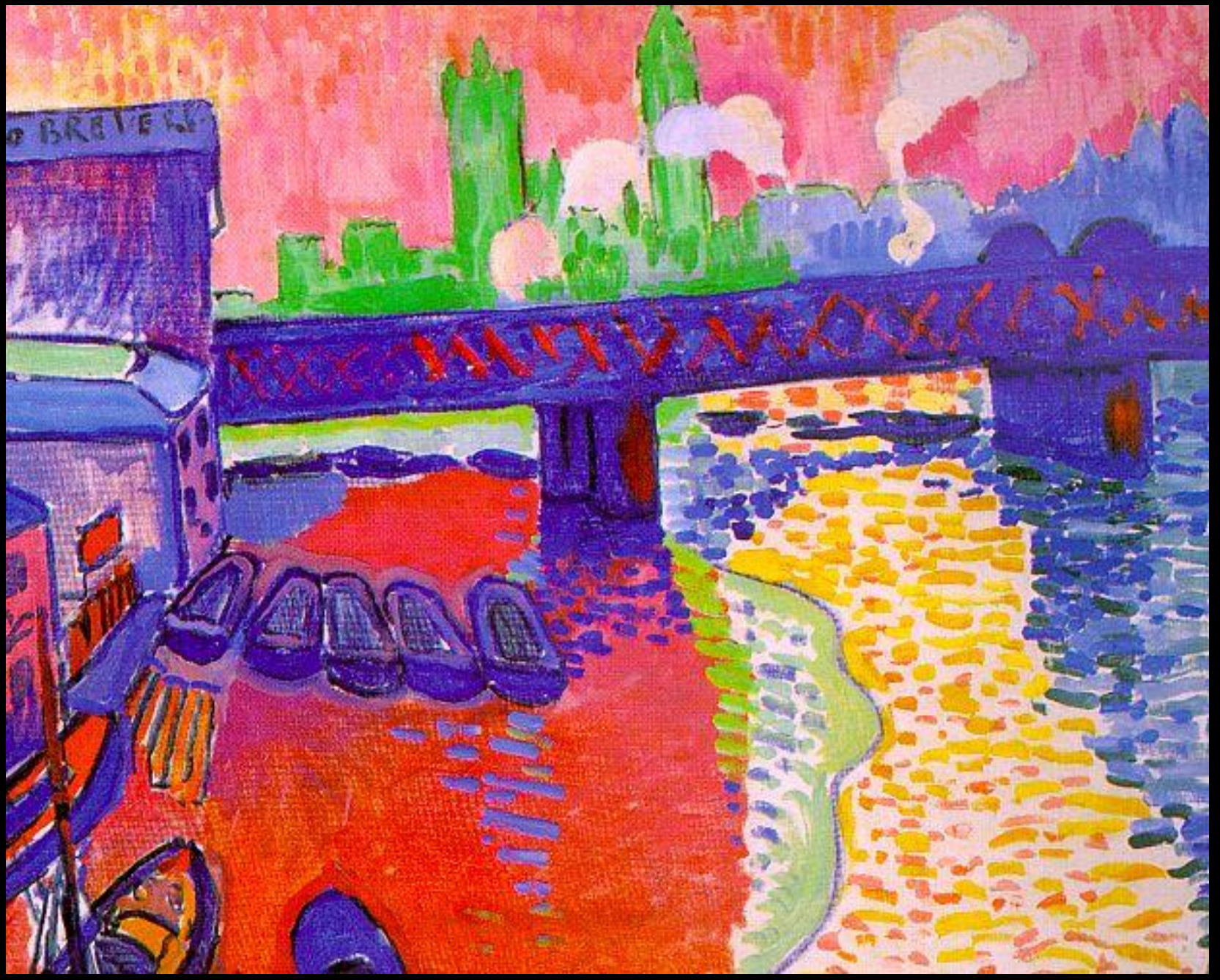
Egon Schiele, 1910. Schiele é também um dos artistas que despreza a anatomia como modo representativo e investe na personalização de suas obras.

Lovis Corinth, Retrato de Alfred Khun, 1923.

Como informação adicional: Lovis Corinth foi professor de Anita Malfatti, artista modernista brasileira.

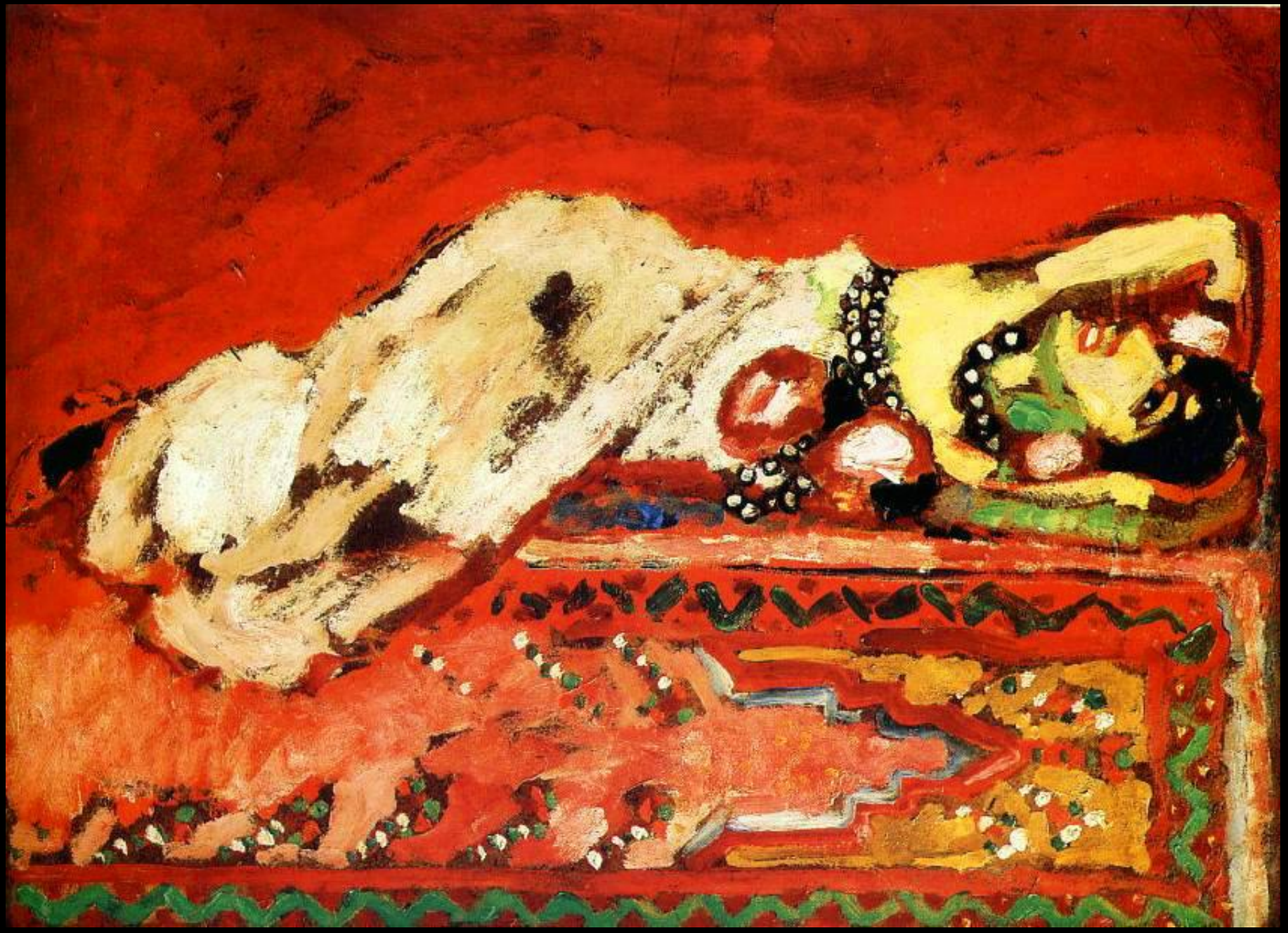


Henry Matisse, Escultura e vaso Persa, 1908. Matisse é um dos nomes mais importantes do Fauvismo. Fauvismo vem de Fera, nome pejorativo que Louis Vauxcelles, deu a mostra no Salão de Outono francês de 1905.

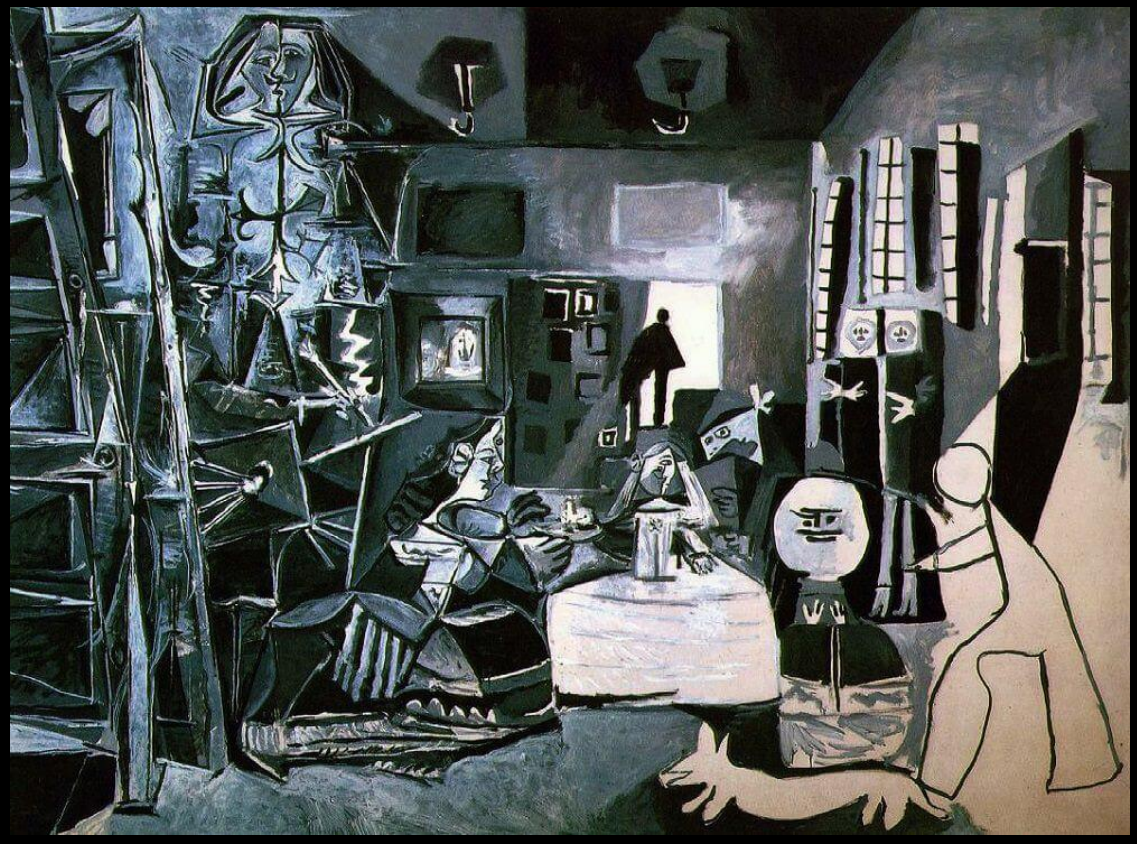


Andre Derain, Luz cruzando a ponte, 1906.

George Rouault, Palhaço trágico, 1911.



Kees Van Dongen, Odalisca, 1909.



Las Meninas, 1656, obra de Diego Velásquez, representa o máximo da pintura barroca espanhola e, ao mesmo tempo, a visualidade da Arte daquele período, modelo que se manteve até o século XIX, sob a ótica do projeto hegemônico clássico. Ao lado, a interpretação de Las Meninas por Pablo Picasso, representante do Cubismo. A ideia é que se perceba o contraste entre dois modos de conceber as manifestações artísticas decorrentes das mudanças entre o tradicional e o moderno.

Com esta comparação é possível entender as transformações entre o que se pensava da Arte até o século XIX e o que passou a se pensar sobre Arte no século XX. Há uma transformação substancial nas concepções plásticas na Arte Visual que se afastou ou se “libertou” radicalmente da visão retiniana de representação das formas, das figuras e dos espaços para uma visão transformadora e personalizada de criação.

Neste sentido é importante reforçar a busca pela ampliação dos potenciais da criação e da expressão artística.

A fuga das normas rígidas e das imposições canônicas dos modos tradicionais de conceber e interpretar as manifestações artísticas mudaram substancialmente. Não há mais obrigações sobre estilos ou movimentos, mas sim a possibilidade de experimentar, conceber e propor: Isto é Liberdade e Autonomia estímulos que movem a Arte Contemporânea.

O Confronto Moderno.

O Modernismo teve início no final do século XIX e se desenvolveu até, praticamente, a década de 1960/70 do século passado. A segunda metade do século XX, especialmente com as manifestações artísticas que ocorreram em torno dos anos cinquenta, sessenta. O teórico que mais se dedicou a esta proposição foi o americano Clemente Greenberg que, na década de 1960 edita vários textos colocando em discussão o Moderno e o Modernismo, que passam a ser referências teóricas para o debate em torno do tema Modernista.

Contemporâneo se refere ao momento atual, contudo é necessário refletir à respeito de quanto é necessário dialogar com outras manifestações anteriores ou paralelas para encontrar parâmetros para entender a contemporaneidade.
Não é possível estudar História da Arte Visual sem dialogar transversalmente com os estilos, períodos e tendências que ocorreram desde seus primeiros momentos. Ao fazer isto recupera-se o contexto histórico e identificam-se características das manifestações que amparam as da atualidade.

Para a História tradicional, a Idade Contemporânea se inicia na Revolução Francesa, em 1789, para outros o marco é o fim da Segunda Guerra Mundial, logo, essa ”contemporaneidade” já dura algum tempo. Independente dos marcos históricos, neste período a Arte Visual alterou substancialmente suas características. Ela não se manteve formalmente constante por todo este tempo, muitas modificações ocorreram desde o Romantismo e o Realismo e, principalmente, a partir do Impressionismo, proposta que possibilitou as inovações que definiram o Modernismo.

Para melhor entender este momento, é necessário ponderar sobre várias questões: por um lado aquelas que tratam da Historicidade no contexto da Arte Visual e por outro aquelas que tratam das transformações estéticas, poéticas e conceituais que ocorreram na Arte nesse período. Portanto há questões de ordem temporal e de ordem conceitual que devem ser consideradas neste estudo.

No Século XIX, desde o Realismo, surgiram transformações nos processos de abordagem temática da Arte Visual. A partir dele os temas sociais passaram a integrar as manifestações artísticas exigindo do apreciador um posicionamento mais politico, mais participativo, crítico e menos apreciativo e passivo.

O Impressionismo libertou a pincelada e adotou a abordagem cromática no desenvolvimento de seus trabalhos afastando-os pura representação e trazendo a pesquisa sobre a luminosidade como proposição estética, cujas manifestações assumiram caráter mais técnico.

Neste mesmo período os desdobramentos da Modernidade possibilitaram o surgimento do Expressionismo.
A manifestação que destituiu definitivamente a representação, a imitação do mundo natural na Arte Visual e adotou a expressividade e a liberdade formal.

Aos poucos, o afastamento da visualidade do mundo natural foi sendo substituído pela criação, pela invenção e pelas proposições.
Aos pouco surgem a Abstração, o Tachismo, o Grafismo, a Gestualidade, as Construções e as Conceitualizações e o Modernismo é confrontado pelo Pós-Modernismo.

Pode-se dizer que o percurso da Modernidade esteve, de um modo ou de outro, associado ao desenvolvimento dos processos de industrialização e concentração de renda.

A indústria de extração de matéria prima e transformação em bens de consumo imperou e se expandiu de modo avassalador até meados do século XX.

A Segunda Guerra Mundial pode ser o divisor de águas entre o momento industrial e o pós-industrial.

Os avanços conquistados, não só pela indústria, mas pela ciência e tecnologia, possibilitaram novos processos de pensamento e desenvolvimento que não se prendiam apenas a transformação de matéria em bens, mas na exploração de novas fontes de criação e invenção.

Ao tomarmos a década de 50 do século passado como marco dessa transformação vamos encontrar alguns referenciais importantes:

O transistor foi inventado pelos engenheiros americanos Walter Brattain e John Bardeen em 1947.

A pílula anticoncepcional é sintetizada em 1951, pelo químico mexicano Luis E. Miramontes.

A fibra ótica foi inventada em 1952, pelo físico indiano Narinder Singh Kapany.

O DNA foi identificado em 1953 pelos pesquisadores James Watson e Francis Crick.

Em 1957 a Rússia lança o primeiro satélite artificial, o Sputnik, no mesmo ano lançam a cadela Laika ao espaço, primeiro ser vivo a viajar fora da atmosfera. Yuri Gagarin, astronauta russo, é o primeiro ser humano a ir ao espaço e voltar em 1961.

Em 1959, o cientista americano, Gordon Gould cria o Laser.

Em 1960 surge a ideia de montar computadores em rede, uma espécie de Internet.

Em 1969, a NASA chega à lua.

Como se vê o potencial dessas invenções revolucionaram a sociedade, a indústria e a economia, este conjunto passa ser chamado de Pós-Moderno.

Nesse sentido a Pós-Modernidade é o aspecto cultural dessa sociedade pós-industrial que se manifesta como um conjunto de valores norteadores da produção cultural que surge nesse momento histórico. Entre eles: a multiplicidade, a fragmentação, a “desreferencialização” e a entropia que admite todos os estilos e estéticas, ao mesmo tempo pretende a inclusão de todas as culturas.

No modelo pós-industrial de produção, que privilegia serviços e de informação em detrimento da produção material e Nele a Comunicação, a Indústria Cultural assumem a liderança na definição dos valores culturais em contraponto aos valores anteriores e são essenciais na difusão de novas ideias e comportamentos nesse novo sistema.

Nesse novo sistema há alguns valores recorrentes:

Hiperrealidade (simulação e fantasia), Fragmentação (papéis superpostos), Reversão de consumo e produção (marketing de bens e serviços), Descentralização do sujeito (operador de máquinas, sistemas e serviços) e Justaposição paradoxal (contradições aceitas).

Nesse contexto a Pós-Modernidade surge a partir da conjunção de diversos fatores, comportamentos e atitudes de caráter ideológico, político e econômico que passaram a se manifestar na sociedade e na cultura refletindo na Arte provocando uma nova transição.

Esta transição abandona completamente as condutas estéticas tradicionais, cria um contraponto com o Modernismo, mesmo que devedor de suas proposições e se coloca como um novo momento para a concepção e criação artística na qual o inusitado, o novo e o confronto são elementos desse diálogo.

Releituras, apropriações, ocupações, intervenções, ações, performances são novas práticas artísticas que dialogam e também se opõem aos procedimentos Modernistas. Novos modos de fazer e dizer passam a ocupar o circuito de Arte, a desafiar o mercado e o próprio sistema de Arte inaugurando um novo tempo.

Estas ocorrências inusitadas definem novas atitudes em relação à criação artística, lançando novas poéticas e exigindo também novos processos de ensino-aprendizagem em Arte.
Neste sentido pode-se aceitar o surgimento de um novo projeto pedagógico que começa a ser delineado a partir do Modernismo.

Este projeto surgiu do processo que instaurou as Escolas de Artes Plásticas e Depois de Artes Visuais a partir de meados do século XX. É também um projeto orientado para o campo da prática construtiva que levou à substituição das Escolas de Artes e Ofícios pelas de Desenho Industrial e depois de Design, separando-as da Arte Visual.

No contexto do Ensino e Aprendizagem em Arte, as mudanças de caráter conceitual e poéticos implicam também na necessidade de mudanças pedagógicas tanto em relação aos conteúdos a serem estudados, quanto aos modos e métodos didático/pedagógicos.

Os procedimentos pedagógicos tradicionais, baseados na observação e imitação do mundo visível para o desenvolvimento de habilidades motrizes foram substituídos pelas proposições inventivas.

Pode-se dizer que uma das características dessa mudança foi a substituição dos Ateliers, de apelo clássico, pelas oficinas e depois pelos Laboratórios, cuja principal característica indica a experimentação, a invenção, a construção e a transformação como matrizes de pensamento para a Arte Contemporânea, o que vai contribuir para a mudança das condutas pedagógicas no ensino de Arte Visual e, em especial, para a Pesquisa em Arte.

Neste sentido a ambientação do espaço criativo e construtivo da Arte Visual também mudou.

Desde o final do século XIX as transformações pelas quais a Arte Visual passou definiram as novas tendências estéticas e também as mudanças de caráter conceitual. O modo de pensar e fazer arte mudou completamente e o que a tradição clássica defendia como valores absolutos, entraram em crise e deixaram de ser relevantes no contexto da Arte Moderna, embora ainda existam núcleos ou grupos conservadores que não compreendem as novas tendências e ainda insistem no passado.

O surgimento de novos materiais e mesmo o uso inovador, exploratório ou criativo de antigos materiais se transformaram em questões de caráter poético e estético.
Novas soluções plásticas, proposições temáticas, reflexivas e conceituais, intervenções, ocupações, instalações e performances fazem da Arte um meio de diálogo contínuo na transição entre a Modernidade e a Pós-Modernidade e, por consequência, com a Contemporaneidade.

As primeiras décadas do século XX viveram transformações substanciais e exponenciais no contexto da arte e definiram grande parte do percurso das décadas posteriores até a chegada do século XXI.
A quantidade de movimentos, propostas, intervenções e ações no contexto da Arte definem os caminhos da Arte na atualidade, embora não sejam definitivos, são percursos.

Neste sentido não há como indicar uma linha de pensamento única e hegemônica para o contexto contemporâneo, mas é possível agrupar em categorias de semelhança entre as diferentes tendências e assim criar um percurso de leitura que possam auxiliar o entendimento da Arte na atualidade.

Nessa linha de raciocínio pode-se buscar os princípios da Arte Contemporânea revisando o Modernismo a partir da análise de suas características estéticas, recursos discursivos e das proposições que atuaram como precursoras da Arte atual.

É importante reconhecer que a Arte é parte de um todo e que ocorre contínua e ininterruptamente no contexto social desde seu surgimento.

Pode-se dizer que até o Modernismo as estratégias constitutivas da Arte Visual se mantiveram fiéis à tradição instaurada desde a pré-história, embora mudassem as temáticas e assuntos definidos pelas Escolas Clássicas.

A maioria das manifestações artísticas eram realizadas por meio de poéticas como as Pinturas, Desenhos, Incisões, Esculturas e Modelagem, mesmo que experimentais, o que não as distanciava sobremaneira das técnicas e poéticas convencionais.

Mesmo em momentos mais radicais de oposição ao modelo Clássico, esses procedimentos não mudaram. Praticamente o que se alterava era a forma, os temas, o enfoque dos assuntos mas os meios e as estratégias constitutivas, as Poéticas não mudavam substancialmente.

De um modo ou de outro a força da tradição técnica e estética mantinha-se ainda preservada mesmo que, em alguns momentos, mesclada ou hibridizada.

Outra característica do Modernismo foi o surgimento dos Movimentos, ou seja, grupos de artistas que, a partir de Manifestos (ou mesmo sem eles) se propunham a trabalhar sob orientações estéticas, técnicas, conceituais e mesmo ideológicas comuns. Assim surgem os ismos como o Impressionismo, Expressionismo, Fauvismo, Dadaísmo, Surrealismo, Construtivismo e outros tantos nesse período.

Contudo, para que essa ruptura com o passado ocorresse de fato, teriam que ocorrer mudanças mais radicais. Seria necessário repensar os procedimentos que a Arte Visual praticara até então. Nesse sentido, o que o Impressionismo havia feito ao libertar a forma e a pincelada do Desenho e instaura-la por meio da cor já era um primeiro passo, uma redenção.

O Expressionismo ao se opor ao tecnicismo Impressionista recorria à expressividade, à intensidade e a emotividade para criar suas obras e, com isso, quebrava mais regras desconsiderando fatores como a aparência das figuras deformando-as, alterando sua cor, dimensões e lógica descritiva, assim quebrava a última regra da tradição mimética na Arte Visual.

Contudo, dentre os Movimentos Modernos o que promoveu transformações mais radicais foi, sem dúvida, o Dadaísmo.

Não por acaso ele se intitula como Antiartístico.

As atitudes adotadas pelos criadores naquele momento não eram compatíveis com o que o próprio Modernismo fazia, ao contrário, simplesmente o negavam.

Negar, se opor, desestabilizar, confrontar, desafiar, escarnecer, ironizar são estratégias que o Dadaísmo adota para propor um rompimento definitivo com o *status quo*. Embora o movimento tenha durado pouco tempo, deixou marcas indeléveis na História da Arte e na Estética, contribuindo para o desenvolvimento da estética pós-Moderna e para a Arte da atualidade.

Olhando para trás, essa negação ou oposição à Arte que os Dadaístas pregavam não se converteu no fim da Arte, não se tornou uma declaração de falência, mas numa reflexão sobre o Sistema de Arte e sobre os conceitos e modos de pensar e realiza-la, abrindo novos caminhos. Foram estes novos caminhos que, a meu ver, instauram os pressupostos para a Arte na Contemporaneidade.

Portanto, o objetivo principal desta disciplina é resgatar o percurso deste e de outros movimentos Modernos e Pós-Modernos no intuito de construir e ampliar o entendimento sobre a Arte atual.

O movimento que mais contribuiu para a experimentação e exploração de novas possibilidades criativas, expressivas e estéticas da Arte na contemporaneidade foi, a meu ver, o Dadaísmo e as várias manifestações que ocorreram na primeira metade do século XX orientam as transformações que vem definindo a Arte no século XXI.

Não há como pensar a Arte no século XXI sem passar pelo século XX. Isto já foi feito pela disciplina anterior: *História da Arte, o século XX até a década de 60*. Vale a pena acessar o site e rever os conteúdos daquelas apresentações.

Contudo, há questões que devem ser recordadas e trazidas desta primeira metade do século XX para facilitar o percurso teórico neste momento.

A principal questão de orientação dos estudos da História e também da História da Arte, é o entendimento de que o percurso da humanidade se desenvolveu como um fluxo contínuo, ou seja, sem interrupções. Nada impede que tenham ocorrido mudanças superficiais ou radicais, o que importa é entender o percurso humano como algo dinâmico e em constante transformação.

Então, a Arte se transforma do mesmo modo que se transforma a sociedade. Logo nem a Sociedade, nem a Arte permanecem iguais ao longo do tempo.

Esta é uma questão *sine qua non*, ou seja, sem a qual não é possível entender a Sociedade, tampouco a Arte como parte dela.

É necessário definir um recorte e uma abordagem capaz de traduzir as questões técnicas e estéticas para delimitar e melhor entender o contexto que se estuda. Para isto recorre-se as teorias e às abordagens conceituais.

Neste sentido não se fala da Arte como uma concepção geral ou universal, é necessário definir, *a priori*, sobre o que de fala e o que se quer saber sobre ela para definir a melhor estratégia de abordagem.

Neste caso, para pensar a Arte Contemporânea é necessário traçar um percurso de sustentação para isto. O percurso que optei por fazer parte de duas vertentes: uma diz respeito às vanguardas europeias e também russas e outra às vanguardas Americanas.

Um fator importante a ser considerado é o deslocamento do centro cultural da Europa, em especial, Paris, para os Estados Unidos, especialmente, New York, após a Segunda Guerra Mundial.

As diretrizes culturais, habitualmente originadas no continente europeu, passa a ter uma concorrência importante: os Estados Unidos. Um dos fatores que contribuiu para isto é que o país se tornou um grande mercado tanto para os produtores quanto consumidores e estes novos consumidores precisavam de um “estilo”.

Depois da Segunda Guerra, muitos artistas migraram da Europa para as Américas, e boa parte deles, para os Estados Unidos. Isto vai contribuir para ampliar a compreensão das origens da Arte como também para ampliar o universo da criação sem a pressão da tradição clássica que, mesmo depois da segunda grande guerra, ainda persistia. Muitas exposições da Arte Moderna europeia já haviam sido realizadas nas Américas desde as décadas de 1930.

As vanguardas europeias e russas vão conter tendências como: O Fauvismo, o Expressionismo, o Cubismo, Futurismo, Orfismo e Raionismo, Suprematismo e Construtivismo, Abstração, Dadaísmo, Surrealismo e mais tarde o Abstracionismo Lírico, Arte Povera entre outras. A vanguarda Americana vai mostrar: o Expressionismo Abstrato, Pop Art, Novo Realismo, Minimalismo, Op Art, Arte Cinética, Arte Cibernética, Videoart, Land Art, Hiper-Realismo entre outras.

Ao mesmo tempo há tendências que ocorrem nas duas vertentes, sem que se identifique nacionalidades na medida em que a tendência globalizante ou globalização passa a ser uma característica do mundo pós comunicação eletrônica e digital. A fotografia e suas sucedâneas como o cinema e animação, analógicas ou digitais, as Instalações, Intervenções, Performances, Conceitualismo e outras tendências entram em diálogo com o mundo atual já que muitas fronteiras culturais foram quebradas, extintas ou absorvidas por outras mais potentes.

Neste sentido é possível que se caminhe novamente para um processo hegemônico em que a Arte seja absorvida pelas tendências mais poderosas ou marcantes em termos de concentração produtiva ou mercantil, relegando ao segundo plano as manifestações mais locais e menos difundidas. É o que acontece com as manifestações populares, vernaculares ou de culturas mais fechadas. As marcas territoriais desaparecem em prol das marcas internacionais.

Nesta perspectiva é necessário investir muito nas instituições que buscam coletar, preservar e difundir a produção cultural. Museus, Galerias e Institutos de Arte públicos ou privados e Universidades são os locais preferenciais para conter e informar a sociedade sobre a cultura. As instituições de ensino, em especial, de ensino superior, tem a responsabilidade de formar profissionais que atuem tanto na produção quanto na pesquisa no campo da Arte.

De certo modo não há uma ruptura muito acentuada entre o percurso do que se chamou Arte Moderna e Arte Pós-Moderna ou Contemporânea para não fixar a ideia de que exista incontestavelmente um Pós-Modernismo na Arte. Embora existam dissidências elas não chegam ao ponto de levar o Pós-Moderno à negação completa da Modernidade. Ora é um confronto, ora um simples desdobramento, no entanto, não há como negar a gênese Moderna do tempo Pós-Moderno e ainda, de estar bebendo em sua fonte.

Do mesmo modo que é possível chamar de pré-modernos aos artistas e movimentos que antecederam o Moderno, pode-se chamar de tardo-modernos, como faz Edward Lucie-Smith, àqueles que ainda não se afastaram completamente do Modernismo. Por um lado as conquistas modernas são preservadas, por outro, as tendências experimentais são potencializadas, assim vive a Arte Contemporânea.

Esta *preservação* se refere às condutas que ainda mantém com base os processos e procedimentos consolidados no que poderia se chamar de *Primeira Fase do Modernismo*. Esta primeira fase se refere às tendências que surgiram por volta do período da Primeira Grande Guerra Mundial e o marco de transição pode ser conferido ao Dadaísmo.

A segunda fase seria da intensificação do experimentalismo, cujo início considero ter sido provocado pelas proposições Dadaístas, daí elege-las como marco desta transição e que foram integradas ao chamado Pós-Modernismo pelos teóricos que defendiam uma nova ordem sociocultural a partir da expansão industrial embasada nas tecnologias eletrônicas e computacionais e das mídias de comunicação e da informática e a Pop Art sua manifestação artística.

Nesta primeira fase podem ser consideradas as Vanguardas Históricas constituídas nas duas primeiras décadas do século XX e que ocorreram principalmente na França e outros países europeus que nesse período lideravam as tendências culturais, cujas propostas partiam do questionamento, da quebra da Arte de tradição clássica e conservadora orientando novos valores estéticos e conceituais, que fossem mais coerentes com a realidade histórica e social daquele período em transformação.

Neste conjunto de manifestações, surgem vários "Ismos", desinência dada aos movimentos ou tendências estéticas, em geral, experimentais que se tornaram célebres no contexto do Modernismo como: Cubismo, Futurismo, Expressionismo, Dadaísmo, Surrealismo, e também as vanguardas Russas como o Raionismo, Suprematismo, Construtivismo e Não-Objetivismo. Estas são as principais ocorrências do período que vai até a segunda grande guerra.

Esta segunda fase pode ser considerada, grosso modo, a partir da segunda guerra mundial, principalmente quando a recuperação econômica ocorre principalmente nos Estados Unidos da América e neste momento há uma transição econômica da Europa para os EEUU que também influencia na liderança cultural. Neste momento vários movimentos e artistas americanos passam a figurar no universo da Arte.

É neste período que surge o conceito de Pós-Modernismo e Pós-Modernidade orientados pelas discussões empreendidas na filosofia, principalmente, pelos filósofos Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard. Os debates críticos não terminaram e, ainda hoje, são pertinentes. O que se entende é que os modos de produção, difusão e distribuição de bens, serviços e produtos, inclusive culturais, mudou radicalmente da segunda metade do século XX para cá.

No contexto da Arte Visual esta fase é marcada, inicialmente, pela Pop Art. Movimento que se desenvolveu a partir da crítica ou incorporação do consumismo e da comunicação de massa em suas proposições. Além disso intensificaram as manifestações artísticas oriundas das experimentações estéticas não convencionais, ou seja, as poéticas recorrentes como pintura, desenho, escultura, gravura e até mesmo a fotografia, como conquista mais recente, passaram a compor um campo de investigação e experimentação inovadoras.

Nesta linha de raciocínio vão ser encontrados procedimentos propositivos Conceituais, Instalações, Intervenções ambientais urbanas ou naturais como a Land Art; as Performances individuais ou coletivas como os Happenings; a Arte Povera, o Minimalismo, Op Art, Arte Cinética, a Vídeo Arte, a Arte Digital e ainda algumas manifestações que se apoiam no desdobramento de procedimentos técnicos e estéticos oriundos da tradição como o Expressionismo Abstrato, Novo Realismo, Hiper-realismo e Neoexpressionismo entre outras tendências atuais.

É possível dizer então, que todas estas tendências que surgiram a partir da metade do século XX, se constituíram na gênese da Arte Contemporânea. São elas que apresentam as orientações e diretrizes para as pesquisas e desenvolvimento estético da Arte atual.

Ao mesmo tempo há que se considerar que os criadores não se preocupam em participar ou compartilhar conceitos ou proposições estéticas coletivas, como os movimentos das Vanguardas Históricas, mas sim em encontrar sua própria identidade e soluções.

Neste sentido, cada artista desenvolve seu próprio universo criativo. Faz suas escolhas estéticas e propositivas. Pode ou não se apropriar de valores e conceitos anteriores ou buscar novos caminhos ainda não trilhados. A personalidade e a individualidade é uma marca da contemporaneidade. Tais atitudes se tornam quase que incompreensíveis para a sociedade, habituada às categorias ou classificações convencionais.

A consequência direta disto é a incapacidade da população em geral de apreciar as manifestações artísticas. Pode-se dizer que a apreciação não é mais passiva ou um simples ato de constatação das habilidades e das narrativas que a Arte tradicional apresentava, mas sim uma relação de interação cognitiva em que os valores que permeiam a criação e a apreciação devem ser continuamente permutados entre criação, meio e apreciação.

Este é o grande dilema da Arte Contemporânea, o de contar com a informação como o elemento de aproximação pois, por não ser mais passiva, precisa da interação ativa do apreciador.

Isto implica num processo de educação cultural que, na maioria das vezes, não é promovido pelas instituições de ensino, neste sentido a população é mantida à margem da cultura e da Arte por omissão do próprio sistema.

Quando Roger L. Taylor publicou seu livro: *Arte, inimiga do povo*, discutia o afastamento promovido pelo poder dominante nas camadas menos atendidas da população. Este alijamento é também uma estratégia de alienação e, por consequência, de dominação. Assim pensar em Arte também é pensar em Sistemas, sejam eles próprios da Arte, econômicos ou sociais.

Dizer que a Arte só se preocupa com a “beleza” ou aquela versão do Belo enquanto coisa “bonita” e agradável ao olhar e que só promove o prazer, é um modo de alienação. É também uma estratégia para deslocar e anular a crítica social do ambiente humanista. A Arte como as demais manifestações humanas devem ser entendidas como meios para promover a interação, o compartilhamento e a consciência social.

Não há aqui uma condenação às funções ilustrativas, ornamentais ou decorativas que, por ventura, algumas das manifestações artísticas atendem dentro do contexto social, apenas um alerta para que se entenda também que a Arte não é só isto, mas que vai muito além de sua funcionalidade ou aplicabilidade no contexto econômico e/ou industrial.

A consciência estética não precisa estar ou ficar alheia à consciência social. Tudo é uma questão de escolha e engajamento. Nada impede o criador de se vincular ao sistema econômico, ideológico ou político, é uma questão de foro íntimo e pessoal. Não é modismo ou obrigação, mas sim de escolha.

Penso que, com isto, tenha apresentado os princípios conceituais do que se pode entender por Arte Contemporânea.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos

Giulio Carlo Argan:

Fontes da Arte Moderna;

-- Guia da História da Arte e

Arte Moderna.

História da Arte: desconstrução.

O que é um artista?

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#_=_

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. Qual a diferença entre Ocidente geográfico e cultural?
2. Quais as relações entre Moderno, Pós-Moderno e Contemporâneo?
3. O que se entende por Sistema de Arte Visual.
4. Quais as diferenças entre Belas Artes, Artes Plásticas e Artes Visuais?
5. Como se pode entender as manifestações artísticas na atualidade?